

O RABUGENTO

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

O RABUGENTO

II.

A nossa sociedade composta de individuos de todas as nações, de costumes diversos, não tem um caracter seu, e se tivéssemos de classifica-lo, o do francez seria, sem duvida alguma, aquelle de que o brasileiro, se sente revestido.

O brasileiro é franco e afavel; e quando necessita ser cavalheiro e attencioso, não cede o seu lugar á outro: isto em parte, herda dos portuguezes. Generoso até á tolerancia; franco até á prodigalidade. E' sempre aos extremos que toca.

Conheceis por ahi, alguem tão mesquinho como um brasileiro que adopte este systema social?

Por certo que não.

Mas, esses naturaes dotes, ou defeitos, acham-se tão adulterados pelo systema de imitação; que vereis o brasileiro ao pé de um economico, tocar á avaresa, e junto a um franco, tocar a prodigalidade.

A necessidade que temos de tratar com homens de todas as sociedades, desde o que revestido com o titulo de conde perde esses modos distinctos e se confunde com o vulgar, até aquelle que vestido com a librê de laçao, salta ás nossas praças, e em poucos annos, é ás vezes, um pretendente a titular; é a causa dessa adulteração de costumes, dessa mescla de sentimentos.

A nossa sociedade, só recebe defeitos, e dá honras; e desvirtua o merecimento ante o brilho de suas moedas e as côres de suas notas.

Já encontrastes, por ahi algures, um marquez, conde ou barão, que vos desseis ao trabalho de saber quem elle era, se não corre a fama de que tem dinheiro? Por certo que não.

O artista notavel que vem á nossa patria, vale alguma cousa; se canta, dança, e diverte á vista, deleitando o ouvido; ou, o que tem valor subido, se é dama e bonita!

Desse modo de ver as cousas, desse modo de apreciar os hospedes, nasce o nosso pouco desenvolvimento, quanto a educação do nosso povo.

Quereis vê-lo? Entrai em um omnibus, gondola ou barca de transporte: nesta a viagem será apenas de um quarto de hora, e naquelles existe uma sala aonde se pôde estar mais á vontade; onde se pôde em summa, fazer ostentação de todos os vicios nojentos que soe lembram e que o homem se deixa tão facilmente escravisar, desde o mascar do fumo até o sorver do antigo tabaco de pó.

Ahi estará o vicioso mais á vontade. Mas elle não quer.

Vereis o vehiculo, assim como a barca, já não digo cheia de cavalleiros, mas de senhoras.

Ahi vereis um distico — *é prohibido fumar*. — Ahi mesmo junto a essas encommodadas senhoras; ahi mesmo defronte desse distico, e talvez, em frente de um empregado fiscalizador, que afflicto, vê enfringida essa ordem; vereis, repito, fazendo ostentação do seu vicio, com grave encommodo e em prejuizo de todos esses supplantadores de todas as leis sociaes.

De quem copiaram elles isso, do delicado estrangeiro? Por certo que não.

O estrangeiro bom educado nota isso, fazendo de nós uma idéa triste.

Não porque elle no seu paiz não visse grosseiros imprudentes. Não, assás elle os conhece. Mas, porque lá, elle via essa falta de attenção, no carregador de fardos, e aqui, vê, com pezar o dizemos, na flôr da nossa sociedade.

Os nossos jovens, desde o artista, até o empregado publico de alta classe; desde o militar até o ecclesiastico; quando se apresenta na rua, capricha, ás vezes, ou quasi sempre, até com sacrificio do seu credito, e como elles tambem o cocheiro de praça; e eis ahi as classes confundidas.

E o estrangeiro, que vê um joven decentemente trajado praticando desacatos, diz — *eis a sociedade brasileira*: — e quantas vezes o caixa de taverna não passa por um commerciante; um entregador de livros, por um estudante?

Além desses outros enganços, que dam-se em todas as sociedades, porém na brasileira, com mais frequencia, pelo luxo que todos sustentam, ahi vêm a falta de educação social, aperfeiçoar o quadro que o estrangeiro copia e forceja por emprestar-lhe côres negras e tristissimas...

MISCELLANEA.

A POLICIA.

Cousas ha que nos causa repugnancia escrever e que no entanto a isso somos obrigados para cumprirmos com o dever a que nos empuzemos.

A falta de policia em nosso paiz, apesar de todos as reclamações feitas, sem resultado algum, têm-nos habituado em nella não fallarmos, por temos certeza que ha mais utilidade em se devorar centenas de contos de réis, do que em cuidar-se na segurança individual e da moralidade do paiz.

Se tivéssemos de responder unicamente aos nossos da falta de policia em nossa terra, de certo que nada diriamos; mas o estrangeiro ahi está prompto a criticar com razão nossos defeitos, e a rir-se do fidalguia estúpida ostentada pelos *governadores* do Brazil, em face desses mesmos defeitos, de que são os verdadeiros culpados. E' portanto forçoso, apesar de não tirarmos d'ahi resultado algum, dizer sempre alguma cousa.

Emquanto o povo soffre as consequencias da inepeia da policia os *mandões* de fardas bordadas, como verdadeiras sanguessugas do estado, passam vida folgada no meio de accumulções de empregos, sem cuidarem na instrucção do povo, sem darem os commodos devidos áquelles que os elevaram e os sustentam nessa posição, que apesar de ridicula, muito os lisongeia. Poder-se-hiam engrandecer aos olhos do povo, se essa posição fosse devida á beneficios prestados ao povo e á nação. O abandono, porém, a que está condemnado a capital do imperio brasileiro, prova exactamente o contrario.

A fidalguia no Brazil nada explica por não ter significação. Ella existe, é verdade, não como recompensa de grandes serviços, mas sim porque se necessita dos emulmentos que d'ahi provém ao thesouro.

A' vista do estado miseravel em que se acha a capital do Brasil não será difficil ao estrangeiro fazer uma idéa exacta do que se passa em nossas provincias.

Não nos demoraremos em pintar o quadro esquisito da policia no Brazil, basta que lhes dirijamos duas perguntas que são o motivo dessa meia duzia de palavras que acabamos de escrever.

Que dirá o estrangeiro que, procurando um pouco de distração nos bancos collocados em frente dos botequins da rua Direita, vê uma pobre menina de 10 a 12 annos poucos mais ou menos a esmolar de mesa em mesa, nesses botequins ?!!...

Quando essa joven, crescendo assim na carreira do vicio, tiver perdido a sua corda de virgem, quem será o verdadeiro culpado ?

Necessariamente aquelles que, tendo por dever prevenir que taes factos se deem, são os proprios que os autorisam com seu desmazello.

Muitas desgraças poder-se-hiam evitar se em nosso infeliz paiz houvesse uma policia boa. A que ha não é má, não ; é pessima.

POESIAS.

A' * * *

Não amo a rola qu'em seu terno canto
Os filhos beija em seu casto ninho ;
Amo, morena, tua voz celeste
Qual meiga brisa a murmurar baixinho.

Não amo as vagas no vai-vem constante
Que beija as praias em que se vai perder ;
Amo, morena, teu sorriso terno
E só por elle quizera eu morrer.

Não amo as gallas desse mundo falso ;
Nem quero um throno p'ra assentar-me rei ;
Quero, morena, do teu amor a palma
E só por isso mui feliz serei.

Dai-me, querida do que anhele tanto
De teus labios puros n'um mimoso — sim ;
Depois a morte que depressa venha,
Que irei contente se morrer assim.

RIVERA.

M. I...

Foi n'uma tarde serena,
Inda me lembra, morena,
Que mendiguei-te um sorriso!
Pedi-te por compaixão
Que minorasse a paixão
D'esse meu peito conciso !

Surdo foi o meu pedido
Nos teus labios... esquecido,
Esse pedido de amor ;
Essa expressão innocente,
Salida tão docemente
Dos labios do Trovador!

Sarda fêste á expressão
Salida do coração
D'esse misero vivente !...
Que traz no peito uma dôr
Provinda do seu amor,
De seu amor innocente.

Porém hoje elle vingado,
No teu peito tem deixado
Gotta á gotta do veneno,
D'esse veneno mortal
Que aos amantes é fatal,
Quando cahe n'um peito ameno.

13 de Setembro de 1862.

VAZ DE CARVALHO.

A ELMIRA.

Em minh'alma Elmira
 Não ha mais prazer,
 Perdi-te meu anjo
 Não quero viver.
 De que serve a vida
 Sem teu amor querida?

As crenças que havia
 Em meu coração,
 Fugirão contigo
 Não voltam mais não:
 Não pôde haver crença
 Em dôr tão intensa!

A vida contigo
 Foi Eden de amor,
 Sem ti é um cháos
 De pranto e de dôr;
 E' luto e tristeza
 Toda a natureza.

As arvores dos bosques
 Do campo as boninas,
 O gado que pasta
 Nas verdes campinas,
 Pranteam comigo
 O meu fado imigo!

A lua em que outr'ora
 Achava poesia
 E' pallida agora
 De melancolia;
 E' negro o seu manto
 Qual negro é meu canto.

A rosa púrpurea,
 Rainha das flores
 Perdeu todo o viço
 Não tem mais odores;
 Por terra esfolhada
 Juz hoje a coitada.

O sol que ao nascer
 Risonho saudava,
 Que alegre me via
 Quando descambava,
 Perdeu seu fulgor,
 Como eu teu amor.

O lyrio, imagem
 De tua candura,
 Pendido, murchou,
 Como eu sem ventura;
 Fanou-o o tufão
 De minha paixão.

A lyra sonora
 Que amor inspirava,
 Que ria comigo,
 Comigo cantava;
 Gemendo de dôr
 Chora meu amor!

Meus sonhos dourados
 Roubou-os a sorte
 Perdi-te Elmira
 Só creio na morte;
 Foste ultima illusão
 De meu coração!

19 de Outubro.

ACROSTICO

O. D. A ELMIRA. SRA. D. E. F. C.

M s bella e igual á rosa em seu primor
 M imosa, entre as mulheres a mais mimosa,
 I magem do mais casto e puro amor,
 I nda como de manhã é linda a rosa;
 I nda mesmo além, na sepultura,
 V ar-te-hei sempre com ternura.

F. C.

Rio, 14 de Outubro de 1862.

MOTTE.

*Meu coração sem esperança
 Não encontra mais limitico.*

GLOSA.

Amei-te !... porém ingrata,
 Não quizesto minha alliança,
 Deixas-te com teu rigor
Meu coração sem esperança:
 Mas se teu peito é a lança
 Que mata o amor passivo,
 Fere o meu que neste mundo
Não encontra mais limitico.

NASCIMENTO.

RATICES DA SEMANA

Rio, 25 de Outubro de 1862.

A minha correspondencia da Europa fez com que eu me des-
 cuidasse das ratices para com os leitores; verdade é, que a semana
 foi de todas a mais esteril quanto a noticias, mas em compen-

sação tive como prato de meio, o *Furriel* e o *Coronel* do batalhão da Carta, que no *Correio Mercantil*, se têm mimoseado á grande.

Pessoa que tem acompanhado a questão, sente que naquella folha não haja o regulamento do conde de Lippe, para dar dello conhecimento ao *Furriel*, afim delle respeitar os seus superiores em tudo e por tudo.

O paquete francez trouxe-me a agradável noticia de não se ter destruido, como se suppunha, o celebre *Merrimac* de glorioso espigão. Quando volte porém o paquete, ficará a Europa assombrada ao saber que o vapor *Merrimac*, com todo o seu estupendo apparelho, acaba de ser transportado em um ballão para uma das nossas cidades do interior.

Deve-se este facto extraordinario a um sinistro imprevisito, O *Merrimac* ia com direcção ao Amazonas por encomenda da companhia de navegação desse rio, que pretendia com o espigão do vapor penetrar até o interior das arcas do thesouro peruano, a ver se no esguicho da sangria resarcia os prejuizos causados pela má fé do governo, que não quer pagar seus fretes.

Em certa altura um golpe de vento enrascou o ballão com o espigão do vapor que perdendo a força dos suspensorios foi cahir em Valença.

O phenomeno excitou vivamente a imaginação desse povo pacato e tres reverendos que tinham lido na vespera a historia do diluvio e da arca de Noé, segundo a conta o padre Roquette, edificaram um novo tabernaculo, e novos judeus no deserto, acompanha-a em procissão e fazem-lhe oblações indeterminadas pela modica quantia de 12\$000 por anno.

Os leitores já devem ter adivinhado que o *Merrimac* não é mais do que um pequeno jornal, escripto por moços muito intelligentes; o seu fim é combater o papa e os cardeaes, com especialidade aquelles que não passaram pelas ordens menores.

O muséo nacional acaba de soffrer uma perda irreparavel — a giboiá foi-se!

Um patusco que assistio aos seus ultimos momentos, me remetteu a seguinte

NECROLOGIA DA GIBOIA.

Ainda me lembro della, era gorda, luzidia, furta-côres, terminando a parte superior por uma cabeça elegante de mais para cabeça de cobra. A linguinha, affada como a do *Constitucional*, apparecia de vez em quando affastando os pacatos, como aquella folha affasta os honestos. Era a sua grande força!

Viveu na gaiola do muséo muitos annos, sendo constante objecto da admiração e da curiosidade dos visitantes. A sua côrte era sempre numerosa; ninguém subia ou descia as escadas sem dirigir-lhe o primeiro e o ultimo olhar.

Entre os serviços prestados por ella, convém não esquecer, o de haver emprestado a sua lingua ás publicações de *mofina*, e, a bem dizer, ella é a responsavel moral das injuriasinhas que figuram nas columnas dos periodicos.

E nem por isto consta que a parte administrativa dos periodicos mandasse celebrar cousa alguma em honra da finada serpente. Pois devia, porque lhes deu muito dinheiro a ganhar.

O que acelerou a morte da giboiá não foi o muito uso da sua lingua e da sua baba, no papel e na boca dos maldizentes, foi o fallecimento do peixe-boi do empresario do Passeio Publico (vulgo Fialho), peixe que, não sabemos como, entrelinha relações de amizade com a habitante do campo de Sant'Anna.

A miseranda tanto se sentiu dessa morte, que poucos dias depois espichou, levando para o outro mundo a verdade deste pensamento: *Sic transeat gloria mundi*.

Os seculos a tenham por lá, e, se nesta hora triste, alguma idéa alheia posso ter, é a do desejo que nutro de que em breve veja-se ella rodeada daquelles imitadores que deixou.

Cabe dizer que o *Constitucional*, pesaroso pelo fallecimento da collega, pediu ao governo a lingua do precioso animal, que é agora a que faz as despesas na redacção da importantissima folha vermelha.

A' rosas lhe saiba.

Contra as posturas, contra os direitos da fazenda nacional, tem-se estabelecido uma *curanderia* da qual é chefe um doutor preto, ás portas da sacristia do Hospicio. Ha dous dias as operações erão publicas, e grande numero de espectadores assistia a prova de pericia do doutor preto.

Havia neste exercicio uma tal ou qual lição *medico-cirurgica*, e as crianças e os moleques boquiabertos admiravam a pericia do professor.

Dous pretos nós da cintura para cima, com o dorso virado para o operador apresentavam uns *chifrinhos* grudados á pelle debaixo dos quaes corria o saugue apressado!

áda demonstração de progresso e civilisação!

Não espanta, porque um bom homem embriagado, ainda hontem, com um lenço encarnado aberto nas mãos, dizendo-se *capinha* investia para um pedestre que ia fardado e armado, fazia-lhe negaças, o povo applaudia....mas o touro?!...estava estudando o código.

Precisavamos de gaz por causa da luz do azeite, hoje precisamos de azeite por causa da luz do gaz, outr'ora a luz era fraca, amortecida, hoje ella é escura e quasi nenhuma. As ruas de S. Lourenço e Princeza, o Mórro e a Travessa é que fazem por seu estado de abandono vir ao espirito a deducção. Se a luz do Céu basta até as 8 horas da noite então abata-se na conta os pés cubicos que a companhia entende que se gasta; se não é essa razão então façam uso do azeite para que as molas de quem acende os lampeões movam-se com mais presteza.

Estava na firme tencão de não fallar mais em theatro, mas não posso, a exemplo do meu papagaio, deixar de dar uma bicada no artista Corrêa Vasques, do Gymnasio.

Ha muito que elle goza entre o publico um conceito bem merecido, mas quando se não agradece, é ser ingrato.

Entende elle que os applausos que recebe no seu theatro são moderados, e, portanto, trata de obter outros; para isso foi procurar o theatro da rua da Valla, onde os espectadores tendo na sua frente uma mesa com garrafas de conage ou de cerveja, rendem ao artista applausos estrepitosos.

Dirá elle que foi para ajudar a um seu collega na noite do beneficio; seria isso bem cabido se fosse em um theatro de uma qualquer rua, mas no theatro da rua das iscas, não.

Se acaso o sempre lembrado e *inimitavel* Telles ainda armasse pela Espirito-Santo a sua barraquinha no campo de Sant'Anna, teriamos, talvez, de lêr e vêr em letras garrafas o Sr. Vasques — como em obsequio ao leilociro do Divino — cantar uma das suas scenas comicas.

Se não fosse afeiçoado ao artista Vasques, talvez lhe dissesse isto com mais rispidez, mas a moderação é a minha bandeira.

Despedindo-me dos leitores, dou-lhes uma nova que muito os deve alegrar:—Tão cedo não terei de os incomodar, pois a paz de espirito está em primeiro lugar.

Tinoco.

ANAGRAMMA.

Manoel Mariz perto do Pará.

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rosario n. 84.